**LINGUAGENS LITERÁRIAS D’ÁFRICAS EM DIÁSPORA:**

***VIAGENS e TRAVESSIAS INFANTES***

Aut....

Co-autoria....

RESUMO

Esse texto-viagem resulta de nossos escrevivenciamentos, de nossas paragens e de certas indagações em torno das literaturas que trazem à cena o protagonismo de autoras (es) negras (os) nas obras editadas em terras de cá, o Brasil, e em territórios de lá, Moçambique. Buscamos, nessas travessias, destacar a relevância das literaturas africanas e afrobrasileiras, levando-se em conta a contribuição da autoria negra em algumas produções literárias do mercado editorial brasileiro e moçambicano. Para tanto, partimos da pesquisa bibliográfica através de estudos empreendidos nos respectivos campos de conhecimento. Trata-se, na realidade, de uma viagem-reflexão que traz à cena nossa percepção em face de tais personagens para, a partir deles, nos provocar a redimensionar o lado peralta de uma escrita infante, sílabas miúdas da criança e/ou o jovem que fomos um dia. Esse trabalho é uma viagem ao imaginário das coisas indizíveis, capaz de encontrar espanto na ir(realidade) breve e aberta às coisas do mundo.

Palavras chave: Literatura infantojuvenil. Moçambique. Diásporas.

**LANGAGES LITTÉRAIRES DES ÁFRICAS EN DIASPORA :**

**VOYAGES ET PASSAGES INFANTILES**

RÉSUMÉ

Ce voyage-texte résulte de nos expériences en écrivent, de nos escales et de certaines interrogations sur les littératures qui mettent en scène le protagonisme d'auteurs noirs dans les œuvres publiées dans les terres d'ici, au Brésil, et dans les territoires de là-bas, le pays Mozambique. Dans ces croisements, nous cherchons à mettre en évidence la pertinence des littératures africaine et afro-brésilienne, en tenant en compte de l'apport de la paternité noire dans certaines productions littéraires publiées sur le marché de l'édition brésilien et mozambicain. Pour cela, nous sommes partis de recherches bibliographiques en utilisant des études menées dans les respectifs domaines de la connaissance. Ce texte est, en effet, un voyage de réflexion qui met en évidence notre perception devant ces personnages pour, à partir d'eux, nous provoquer à redimensionner la face ludique d'une écriture infantile, petites syllabes de l'enfant et / ou des jeunes personnes qui nous avons été dans le passé. Cette œuvre est un voyage dans l'imaginaire de choses indescriptibles, capable de trouver l’étonnement dans la bref (ir)réalité et ouverte aux choses du monde.

 Mots clés : Littérature jeunesse et jeunesse. Mozambique. Diasporas

**DÁFRICAS LITERARY LANGUAGES IN DIASPORA:**

**CHILD TRAVEL AND CROSSINGS**

ABSTRACT

This travel-text results from our registrations, from our stops and from certain inquiries about the literatures that bring to the scene the protagonism of black authors in the works published in the lands of here, Brazil, and in the territories of there, Mozambique. In these crossings, we seek to highlight the relevance of African and Afro-Brazilian literatures, taking into account the contribution of black authorship in some literary productions from the Brazilian and Mozambican publishing markets. For this, we started from a bibliographic research through studies undertaken in the respective fields of knowledge. It is, in reality, a reflection-trip that brings to the scene our perception in the face of such characters to, from them, provoke us to resize the peralta side of an infant writing, small syllables of the child and / or the young person who we were one day. This work is a trip to the imaginary of unspeakable things, capable of finding awe in the brief and open to the things of the world (un)reality.

Keywords: Children's and youth literature. Mozambique. Diasporas.

Talvez porque na vida é como uma viagem e o mundo, afinal, é preciso inventá-lo, caso contrário é igual por toda a parte... talvez porque há viajantes que nos revelam mais sobre certas paragens do que todas as viagens que porventura lá tenhamos feito...

[...] (CARVALHO, 2020, p. 2).

ÁFRICAS, ATLAS, VIAGENS

As ideias, em forma de pensamentações, são tessituras que comungam reflexões que se entrelaçam a partir de leituras-viagens, em face do desejo de nos reaproximarmos das terras ancestrais africanas. Essa viagem ao território ancestral africano é como bússola de percepções, canoagem à procura de algum registro de antepassados, quando muitos dos nossos, a despeito das resistências, foram sequestrados, torturados, dizimados e deles crescemos apartados, como é possível imaginar através da voz de um Ancião no documentário intitulado *Atlântico Negro: na rota dos Orixás*. [[1]](#footnote-1) Em terras ancestrais, delas e deles todos, descendemos. Somos, assim, filhos e filhas das Áfricas.

Na travessia da memória, em qual país do continente africano partiram as vozes da oralidade, antes de dar a volta ao redor das árvores do esquecimento e sobreviver aos tumbeiros, enquanto *malungos[[2]](#footnote-2)* da diáspora?

O que nós, filhas e filhos das Áfricas, apreendemos; o que nos foi repassado e o que necessitamos aprender em nossas lutas históricas, ou mesmo através da produção do conhecimento, quando ressignificamos certas visões acerca dos espaços sociais africanos que segue preterido no Brasil? Afinal, não podemos ignorar as palavras da pesquisadora Rosilda Bezerra[[3]](#footnote-3) e Carlos Negreiro (2020, no prelo) que, inclusive, asseveram: “O discurso é também um dispositivo de dominação, é ele que legitima a situação do ‘outro’ naquilo que nomeia.” Se olharmos atentamente, o discurso-dominação representa o que prevaleceu na produção do conhecimento, nas imagens ilustradas e nas narrativas enredadas, publicadas na Europa, nas Américas e no Brasil, retroalimentando o racismo epistêmico (LIMA & SILVA, 2018).

A Mudança de conjectura no território brasileiro somente ocorreu a partir da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996) que, em sintonia com a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), como enfocaremos mais adiante, abriu caminhos para a inclusão da história e das culturas afrobrasileiras e africanas na educação básica. Desde então, podemos dizer que outras Áfricas começam a ganhar certa visibilidade e a demarcar presença no objeto livro.

De tais conquistas, a demanda legal, as Áfricas tornam-se objeto de consumo no mercado editorial e a necessidade de investirmos em obras que não as restringem a visões estereotipadas, ganham mais impacto em nossas pesquisas. Um recorte desses estudos é o que partilhamos na presente explanação. No escopo delimitado, destacamos alguns livros editados em Moçambique e no Brasil. De Moçambique são: 1) *O menino Octávio,* de Calisto Atanásio e Neves (2003) e 2); *Os gêmeos e os raptores de crianças,* de Machado da Graça (2007). Das obras brasileiras, as seguintes narrativas: 3) *Entremeio sem babado,* de Patrícias Santana (2007); 4) *O Espelho dourado,* de Heloisa Pires Lima (2003). Vale destacar o valor dessas duas últimas obras brasileiras infantojuvenis, por fazerem menção aos espaços sociais africanos.

O que objetivamos é identificar em que sentido elos comparados emergem nas narrativas África - Brasil, por partirmos de uma visão infante de que as Áfricas despertam um sonho nas matérias orais dos contadores. Entendemos, portanto, que é necessário mudar o ponto de observação, ao considerarmos o mundo sob uma ótica capaz de costurar o encanto nas coisas fugidias do cotidiano.

Os espaços[[4]](#footnote-4) sociais africanos são enredados através das linguagens literárias, da produção do conhecimento e de diversas artes visuais, musicais etc. Os estudos africanos foram e continuam sendo preteridos em nossas instituições educacionais, como explicitam estudiosas da área em pesquisas antigas, a exemplo de uma criteriosa publicação, a saber: o I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (vide figura 1), que envolveu plêiade de pesquisadoras (es) da área e que deram continuidade a assuntos pertinentes às Áfricas (SECCO, 1996).

Figura 1 – Capa da publicação das Atas das publicações do I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa



Fonte: foto das autoras

Do ‘Atlas’, às Áfricas na posterioridade, as lutas se acirram, a despeito das conquistas legais e seu marco em curso, a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003) e, por consequência, a alteração da nossa LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996), um assunto muito familiar para quem tem se dedicado à sua implementação no chão das escolas, nas salas de aulas. Adentrar as trilhas dessa história nos levaria a outras viagens, as quais muito nos distanciariam das travessias desenhadas para essa explanação.[[5]](#footnote-5) Como nossos propósitos visam às literaturas destinadas às crianças e aos jovens, através dessas produções buscamos identificar possíveis aproximações e/ou diferenças entra as obras delimitadas.

Do roteiro traçado, em um primeiro momento, destacamos a relevância dessa literatura, não só para os destinatários, como também por reconhecermos se tratar de obras importantes para leitores adultos. Em outras palavras, não se trata de uma literatura que estaria aquém às demais obras, como evidenciamos em outros estudos na área (OLIVEIRA, 2010).

Assim como o escritor angolano que abre as trilhas do nosso caminhar, nos inspiramos e, nessa linha sensível e indagativa, nos propomos a socializar um pouco as aprendizagens em uma área ainda bastante esquecida nas pesquisas acadêmicas, mas para nós em especial, é experimento ao alcance de novas aprendizagens. Entre pesquisas preteridas e pesquisas preferidas, optamos pelo campo literário por inclusão social, por investigação cultural com posicionamentos e questionamentos, levando em conta que vivemos em um país que insiste em mirar as lentes de contato em fontes eurocêntricas, em detrimento de linguagens advindas literariamente das margens, a exemplo das literaturas africanas e negras/afrobrasileiras.

Nessa travessia pelas literaturas africanas e afrobrasileiras, o esforço é de uma reflexão mais sensível e menos objetiva nos diversos campos do saber, uma crítica que se propõe a dar outro sentido ao que está enraizado no tecido da linguagem teórica. Por esse percurso, acolhe-se o tom da bravura e da delicadeza, recolhem-se as palavras pelo que há nelas de diversidades. Para seguir a cartografia da diáspora África-América-Europa, como bem descreve Mia Couto (2009, p. 184): “A viagem obriga-nos a sermos outros, a descentrarmo-nos, a deslocarmo-nos para fora de nós.”

O ‘deslocarmo-nos para fora de nós’ é uma das beneficies da arte literária, quando observamos, na crítica literária de um Antônio Cândido, o direito à literatura. Contudo, ao fazermos coro à voz do citado crítico, propomos também viagens não só aos textos canônicos, basilares em nossos currículos, como também pleiteamos outros itinerários às Áfricas em diásporas, atlânticos livres, direito à Educação, pois se não pensarmos no direito à Educação, não teremos como pleitear o direito à consciência crítica, política e histórica.

O direito à consciência histórica está na vivência e na leitura das mais diversas árvores do conhecimento. O direito à consciência crítica e política está no desvelamento do passado como Estado opressor que, em nome do capital e da política da morte, matou, torturou, explorou, dizimou a todos aqueles que lutaram pelo direito de ser diferente. Nessa em-cruz-ilhada teórica, reconfigura-se no presente, a partir do ‘biopoder’, da ‘necropolitica’, do ‘epistemicídio’[[6]](#footnote-6) que, nas palavras de estudiosos da atualidade, se desdobram no ‘racismo epistêmico’, o genocídio das massas, até chegarmos à destruição de conhecimentos produzidos pelos grupos sociais marginalizados historicamente. Vivemos tempos de abismo e absurdidade, quando a maldade se apresenta na teia do capitalismo, em meio a um vírus tão pandemônico, que só podemos compará-lo a campos de concentração a céu aberto, dentro de ônibus e metrôs.

LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL: AS MARGENS E NEGROS PERSONAGENS

Da exposição mais ampla em torno do contexto social no qual nos encontramos, passamos a focalizar o campo da literatura destinada às crianças e aos jovens a partir de então. Na sequência, as relações etnicorraciais no mundo ocidental, o impacto dessas relações em nossas produções.

A literatura infantojuvenil é um campo complexo que perpassa as mais diversas áreas do conhecimento (educação, literatura, cinema, psicanálise, grafites em murais, por exemplo), sendo a sua origem atrelada à pedagogia, principalmente e, só nos últimos anos começamos a contar com pesquisas procedentes do campo da literatura, que vêm privilegiando a tessitura textual, como é bem reconhecida por Regina Zilberman e Ligia Cademartori Magalhães (1982). Trata-se, no entanto, de uma área ainda marginalizada e, para alguns, subliteratura. Carecemos, por isso mesmo, de mais estudos centrados em um tipo de linguagem rica e polissêmica, sinalizada através do mundo imagético, partilha do poético e das ilustrações (HUNT, 2010).

Embora oriunda das camadas populares, a consolidação e difusão mercadológica tem como marco os contos de fada, sendo que, em tais contos, os personagens negros praticamente inexistem e, quando delineados, simbolizam as forças do mal. A cristalização desse viés preponderante, sabemos, trouxe prejuízos imensuráveis ao nosso imaginário social e, nos dias atuais estamos, ainda, com o desafio de viabilizar outros olhares que atendam à diversidade etnicorracial, sem reduzi-las meramente ao viés eurocêntrico.

A literatura infantil e/ou juvenil, como produção livresca, no mundo ocidental, remonta ao final do século XVII (França), com Charles Perrault, sendo sua difusão maior a partir das obras compiladas das tradições populares no século XIX, na Alemanha, pelos famosos irmãos Grimm (Jacob Ludwig e Wilhelm), sob o viés das camadas burguesas, com a finalidade educativa dos filhos das classes favorecidas economicamente. Dentre os sete volumes da coleção dos aludidos irmãos, encontramos apenas dois contos contendo personagens negras. São elas: ‘*A noiva branca e a noiva preta’* e ‘*As três princesas pretas’[[7]](#footnote-7),* as quais simbolizam as forças do mal, diferentemente das protagonistas brancas, que desempenharam um papel principal, representando as forças do bem nos respectivos contos e nas demais obras dos referidos irmãos Jacob e Wilhelm.

A literatura destinada aos adultos, às crianças, aos jovens, vem demarcando um ‘lugar’ inferiorizado, face ao segmento negro, salvo raras exceções, por reiterar preconceitos e estereótipos etnicorraciais. Diante dessa percepção, David Brookshaw (1983, p. 13) assevera que: “O modo como o branco vê o negro, portanto, foi moldado desde a infância pelas histórias em que a negritude era associada ao mal e os que faziam mal eram negros.” O reverso desse prisma vem se alterando aos poucos e, na atualidade, podemos encontrar livros menos susceptíveis ao racismo no mercado livresco, muito embora sejam desconhecidos de boa parte das educadoras.

Em sintonia com a complexidade que envolve as relações etnicorraciais[[8]](#footnote-8), a promulgação de uma Lei Federal que prima pela valorização e ressignificação da história e cultura afrobrasileira em todas as áreas, incluindo e destacando entre essas, o campo da literatura, é de extrema relevância social o redimensionamento do olhar da crítica literária em relação a tais produções.

Os personagens negros, na trajetória histórica da literatura destinada às crianças e jovens, são recentes, em papéis principais, o que vem acontecendo mais a partir dos anos de 1990. A questão crucial é que, durante longo tempo de nossa produção, os leitores contaram com personagens meramente brancos, seja como protagonistas, seja como antagonistas. Nos contos de fada os personagens são brancos e expressam o universo das camadas socioeconômicas altas, como evidencia Sônia Salomão Khéde (1990) e Fany Abramovich (1990). As histórias apresentam o universo de reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas madrinhas e das bruxas, as vilãs, em uma sociedade estratificada.

As nossas produções literárias, por muito tempo, se restringiram à reedição de tais contos no século XIX, início do século XX, mas com o advento da produção de Monteiro Lobato, o marco, segundo Nelly Novaes Coelho (1993), que subdivide nossa literatura infantojuvenil com base no *antes* e no *após* Lobato, tal contexto se alterou. Então, embora reconhecendo a importância da obra de Lobato, o seu papel de difusor da leitura literária em nosso país, não podemos esquecer que, em sua produção, muito se reforça a discriminação racial através dos personagens (OLIVEIRA, 2003).

Não obstante, nos anos de 1990, após longos processos de denúncias e proposições dos movimentos negros e demais aliados, abrem-se novas perspectivas, pelo menos oficialmente. Um exemplo disso é o fato de o governo brasileiro reconhecer a persistência do racismo no país. Para Rosemberg (2008, p 79), tal fato decorre da influência das pesquisas acadêmicas realizadas a partir de 1950, resultando em impactos também internacionais após Durban (2002), quando o Brasil selou acordos e compromissos com vistas a implementar ações plausíveis no enfrentamento do racismo, em suas multifacetadas formas estruturantes, nas relações sociais brasileiras.

A despeito da tendência de se reiterar preconceitos étnico-raciais através dos personagens, a produção literária destinada às crianças, assim como as demais artes, não ficou parada no tempo, alterando-se a partir das mudanças socioculturais e políticas. Uma dessas mudanças resulta da alteração da LDB 934/96 (BRASIL,1996), pela Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), a qual resultou em mais produções contendo personagens negros no mercado livresco. Diante dessa medida, os referidos seres ficcionais ascenderam a papéis principais, também, de protagonistas, conforme evidenciado nas pesquisas acadêmicas de Venâncio (2009), Oliveira (2010) e no artigo de Jovino (2006).

CONTORNOS D’ÁFRICAS EM TRAVESSIAS

Em sintonia com o pensar de Tânia Padilha (2009), entendemos ser esse um dos nossos desafios, contribuir com a ‘reversão da opacidade’, dos estereótipos negativos que distorceram os contornos das histórias projetadas nos espelhos narcísicos eurocêntricos. Por essas vias, será possível recompor as voltas às árvores do esquecimento na esfera do saber e, do poder. Seguiremos, nessa dimensão, as trilhas dos *adinkras* *sankofa* (NASCIMENTO, 2019), no que diz respeito à ação de voltar e apanhar o que é nosso.

De voltas às origens, das viagens a Moçambique e a algumas das produções literárias, nas quais identificamos distintas Áfricas, que vêm descritas nas páginas dos livros editados no período pós-independência, o que segue é apenas um pequeno recorte do resultado obtido. Quanto à contextualização histórica e à articulação teórica, essas poderão ser encontradas com as devidas articulações em outras fontes, que faremos menção no decorrer das travessias. Atravessamos, a seguir, a contextualização mais geral em termos dessas produções. Depois, aos diálogos entre as Áfricas e a diáspora.

Das produções Moçambicanas destinadas às crianças e aos jovens, foram constatados, anteriormente à mudança, avanços e recuos em se tratando de publicações na área, de modo que computamos: 1) 1979 = 4 livros; 2) 1980 = 16 livros; 3) 1981 = 10 livros; 3) 1987 – 1990, declínio, devido à guerra. Assim sendo, só a partir de 1990 pode-se compreender que se iniciou o ‘renascimento da literatura infantil’, devido às ‘novas iniciativas’ na Área (OLIVEIRA, 2009).

O ‘renascimento’ da literatura infantojuvenil moçambicana acontece, de fato, no final da pós-independência, a partir de 1990, sob a tutela de importantes órgãos locais apoiados por renomadas instituições internacionais. A despeito disso, as escassas obras não circulam no mercado editorial, em decorrência da falta de maiores investimentos “por parte dos órgãos públicos e privados, da região” (OLIVEIRA, 2010, p. 169-170).

Figuras 2 e 3 - Registro imagético de capas coloridas de livros infantojuvenis, a partir do acervo da Associação Progresso

Fonte: Foto das autoras (Maputo, 2009)

Em decorrência de tudo isso, deparamo-nos com o que denominamos de mosaico literário, do qual emergem protagonistas negros em espaços sociais distintos nas províncias do país, sejam situados na zona rural, sejam na zona urbana. Quando estivemos em Moçambique, realizamos o registro imagético de capas coloridas de livros infantojuvenis, a partir do acervo da Associação Progresso (figuras 2 e 3).

Para nós, brasileiras (os), acostumadas aos protagonismos brancos nas páginas de livros publicados no Brasil, a tendência é ocorrer uma espécie de estranhamento diante da inversão de óticas. Para nós, africanos-afrobrasileiros, no entanto, a sensação de encantamento, coadunando com as palavras de Alberto da Barca quando nos diz:

Se, por um lado, no caso do Brasil, ainda se está à procura de um espaço para os personagens negros na vasta literatura infanto-juvenil, nosso contexto é outro, estamos à procura de um espaço para a literatura infantil como forma de expressão literária [...]. [[9]](#footnote-9)

Concordamos com autor que foi, inclusive, um dos pioneiros na área, ao lado de Angelina Neves, como podemos constatar em estudos precedentes (OLIVEIRA, 2010; 2014) visto que se trata de obras, à época, dirigidas ao público que se deseja ensinar, informar, educar, instruir. Dentro de tal conjuntura, grande parte dessa literatura outrora pesquisada, reiteramos, se aproxima do viés ‘adultocêntrico’, se entendida à luz de Zilberman (1982), o que não quer dizer que seguem a mesma tendência na atualidade.

Em relação à arte de tecer “outras estórias da oratura africana,” a pesquisadora Carmen Lúcia Tindó Secco Ribeiro (2007, p. 9) constata que:

Fabular, contar casos, reinventar *missossos* e outras estórias da oratura africana, recriar tradições por intermédio de modernas estórias está na alma de diversos escritores angolanos e moçambicanos que, principalmente depois da independência, começam a publicar textos dirigidos a crianças e jovens.

Carmen Secco Ribeiro (*op. cit.*) destaca, também, a carência de estudos na área, em nosso país, o que endossamos, pois, embora enumerando uma tese de doutorado na área em questão (OLIVEIRA, 2010), esta resultou de pesquisas empreendidas há quase doze anos, se levarmos em conta o transcorrer do tempo, de 2009 aos dias atuais (2021). Se repensarmos o passado para entendermos o presente, reconheceremos o mínimo que o Brasil tem investido nessas produções científicas, levando em conta que os ‘contos tradicionais africanos’ e os ‘textos da literatura infantojuvenil de Angola e Moçambique, até agora’, têm sido “pouco estudados nos meios acadêmicos literários brasileiros” (RIBEIRO, 2007, p. 9).

Por outro lado, quando se observam as temáticas recorrentes nas produções estudadas anteriormente, publicadas em Moçambique entre 2003 e 2007, identificamos: personagens/protagonistas em contextos de conflitos sociais, a exemplo da guerra, da SIDA, na condição de órfãos, mas acolhidos no mundo adulto e inseridos em novos enlaces e núcleos familiares. Prevaleceram, ainda, contos tradicionais, lendas, fábulas, recorrendo-se aos recursos fantásticos e maravilhosos (TODOROV, 1992).[[10]](#footnote-10) Nessa linha, a humanização de seres inanimados em alguns textos[[11]](#footnote-11), desvelando-se carências, desejos, receios, angústias e anseios das personagens. Um exemplo, o conto *O menino Otávio,* da autoria de Calisto Atanásio, adaptação de Angelina Neves e Hermenegildo Ciríaco (2003), publicado da coletânea *Contos de Niassa II,* uma das obras premiadas no concurso promovido pela Associação Progresso, em 2002, em que a voz da narrativa é testemunha da tragédia anunciada: “Octávio só conheceu os avós através das histórias que a mãe contava. Eles tinham morrido, porque a guerra passou na sua aldeia, que foi incendiada e destruída” (ATANÁSIO, NEVES e CIRIACO, 2003, p. 7).

A guerra, entre perspectivas absurdas e abismais, é tema central da narrativa. A partir dos destroços da guerra se observa o universo caótico do personagem. Em outras palavras, a obra traz à cena uma criança que vivencia perdas bruscas, registro de orfandade, mas que, ao longo da narrativa, tenta reconstruir a própria vida. E a guerra, sabemos, é um tema recorrente que trespassou diversas obras literárias moçambicanas destinadas, também, ao público adulto e representa uma espécie de marco principal da literatura angolana.[[12]](#footnote-12) Na aludida narrativa moçambicana, nosso recorte, há uma crítica corrosiva à guerra, que não deixa de simbolizar a ‘força opositora’ *[[13]](#footnote-13)* que altera a trajetória da personagem, seus embates, tristeza, resistência e resiliência na arte de se reestruturar.

Em suma, como se pode observar até aqui, há, sobretudo, um registro das problematizações sociais enredadas nas produções literárias moçambicanas no pós-intendência. Em se tratando de um tema importante para se entender a literatura infantojuvenil, em específico, a pesquisadora Aline Van Der Schmidt (2013) afirma que: “No caso dos países africanos de língua portuguesa, a guerra, em diferentes graus, fará parte da vida das pessoas, e isso se refletirá na literatura, de maneira mais ou menos marcante, inclusive na destinada às crianças” (SCHMIDT, 2013, p.50).

Em tempos equidistantes, nos idos de 2009, os escritores de Literatura infanto-juvenis moçambicanos se reuniram em uma roda de conversa (OLIVEIRA, 2010), dentre os quais se encontravam Angelina Neves, Alberto da Barca, Rogério Manjate e Mário Lemos. Na referida conversa, buscava-se entender a contextualização acerca do racismo no Brasil e o seu impacto nas produções literárias (OLIVEIRA, 2010).[[14]](#footnote-14) Saltou aos nossos olhos a surpresa dos escritores diante das diferenças entre a conjuntura social deles e o nosso a esse respeito, visto que nas obras editadas em Moçambique os personagens são, massivamente, negros. Segundo Alberto Barca, o que lhes faltam, na realidade, é espaço para a literatura infantojuvenil como arte e não, os personagens-protagonistas negros nas obras literárias. Em contraponto, o escritor constatou que, no Brasil, o que falta é o investimento em personagens negros destituídos de visões negativas e inferiorizados.

De 2010 aos dias atuais, infelizmente, os investimentos no objeto livro literário e sua difusão em Moçambique, conforme evidenciado em uma entrevista recente concedida à pesquisadora Eliane Debus (2018, p. 189), reitera-se que “a literatura para crianças e jovens quase sempre foi marginalizada, sempre foi uma manifestação isolada, limitada, à parte.”[[15]](#footnote-15).

A escritora Angelina Neves, por sua vez, em uma entrevista que nos concedeu em Moçambique, há alguns anos, registra: “O que é realmente necessário é haver muitos, muitos livros de todos os gêneros, em todos os locais de aprendizagem para que cada um possa escolher e encontrar o que mais lhe agrada” (OLIVEIRA, 2010).

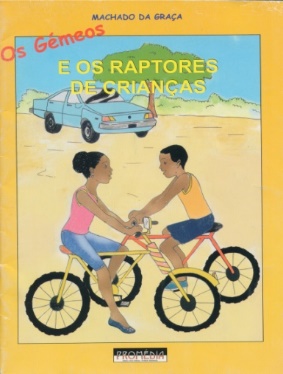
No que se refere às constatações anteriores, de Alberto da Barca, observamos que as obras moçambicanas não abrangem questões voltadas para as relações etnicorraciais, visto não serem a tônica central das narrativas. A linguagem verbal não ressalta os traços diacríticos das personagens, exaltando-se a beleza dos cabelos, a cor da tez, enfim, os fenótipos negros. Mesmo assim, as narrativas não deixam de ilustrar tais traços.

Para Coello (2018, p. 21), cujos estudos focalizam as produções angolanas destinadas às crianças e aos jovens, tanto aquelas como as obras moçambicanas em sua fase pós-independência, nos fazem viajar aos legados socioculturais ancestrais, às cosmovisões dos ‘antepassados’, suas “tradições, lendas, costumes, personagens, mitos” (COELLO, 2018, p. 9) e, incluiríamos, no recorte das moçambicanas, a zona urbana e os personagens que transitam entre ambos os espaços sociais, a exemplo dos protagonistas Isa e Zé, das séries do jornalista e escritor Machado da Graça, citado por Oliveira (2010, p. 236):[[16]](#footnote-16)

Em cada série do livro, Isa aparece com penteados variados. É ilustrada com birotes enfeitados (*Os gémeos e os traficantes)*, com tranças tipo nagô *(Os gémeos e os ladrões de tesouro),* com um penteado tipo black power *(Os gémeos e os ladrões de gado),* com tranças raiz (*Os gémeos e a feiticeira),* com os cabelos soltos, trançados, enfeitados com miçangas nas pontas (*Os gémeos e os caçadores furtivos).* Compreendemos, com isso, que a coleção *Os gémeos,* através da protagonista Isa, expressa a riqueza dos diversos e belos penteados utilizados no cotidiano de grande parte das crianças e jovens moçambicanas (OLIVEIRA, 2010, p. 236).

Em *Os gémeos e os raptores de crianças,* logo na capa, a protagonista está com os cabelos presos em forma de popa, atrás, e assim permanece em toda a trama. Também, todas as personagens ilustradas na narrativa, o que é comum na produção literárias moçambicana, ou seja, o pertencimento étnico-racial dos personagens é identificado através da ilustração.

Figura 4 – Ilustração da capa da obra *‘*Os gémeos e os raptores de crianças’



Fonte: foto das autoras

Nessa obra, por exemplo, se enfatizam os ‘caracteres’[[17]](#footnote-17)comportamentais das personagens, ou seja, os traços diacríticos dos protagonistas não são evidenciados na linguagem verbal e sim, através das ilustrações. Inclusive, todos os personagens, sejam os principais ou secundários, delineados individualmente ou em grupos, têm traços negros realçados por meio da tez, cabelos e demais aspectos físicos. As obras fazem jus à grande parcela da população no país que é massivamente constituída pelo segmento representado nas narrativas, os quais chegam ao patamar dos 99% (noventa e nove por cento), com base no censo de 2007.[[18]](#footnote-18)

Do recorte, em outros mais recentes obras moçambicanas, detivemo-nos sobre as produções literárias de Calane da Silva, Cassamo Mussagy Moiane, Chozede Verly Avelino A. Catepe, Angelina Neves, Lourenço do Rosário, Machado da Graça, Marcelo Panguana, Pedro Miambo, Mário Martins, Mia Couto, Onestaldo Gonçalves, Rogério Manjate, Sérgio Viega, Tatiana Pinto e Ungulani Ba Ka Khosa (OLIVEIRA, 2010).[[19]](#footnote-19)

De modo geral, perpassa as obras, salvo algumas diferenças, a valorização das tradições culturais das províncias, a inserção das crianças integradas ao mundo adulto, os ensinamentos, os valores morais dos personagens. “Valores esses muito recorrentes na produção infantil/juvenil não só moçambicana como também angolanas [...] A literatura, sob essa ótica, cumpre a finalidade educativa, ‘adultocêntrica’, em detrimento da cosmovisão dos destinatários” (UFMG, 2015).[[20]](#footnote-20)

DIÁLOGOS E DIFERENÇAS: PROTAGONISTAS NEGROS IMPORTAM

Rosilda Bezerra e Carlos Alberto de Negreiro (2020, p. 184), assertivamente, pontuaram que: “Raramente se observa em algum livro didático a África como o berço da humanidade, com a imagem positiva de um continente onde as mais significantes civilizações se desenvolveram como é o caso da civilização egípcia, por exemplo” (BEZERRA & NEGREIRO, 2020, p 184).

Esse ‘raramente’ se aplica às produções atuais editadas no Brasil. Contudo, após a sanção da Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), que traz como marco central as políticas de inclusão social e econômica, além da ampliação da produção livresca das literaturas africanas e afrobrasileira, além das poucas editoras ‘étnicas’ existentes no Brasil, como as denomina a pesquisadora Daniela G. Nascimento (2019), em alusão a Mazza Edições e Nadyala, dentre outras. Se observamos, atentamente, na atualidade, podemos perceber que o cenário mudou muito, a despeito dos retrocessos recentes, como aponta a referida pesquisadora em sua tese de doutorado.

Do impacto no mercado editorial, mais publicações e, nestas, outros protagonistas negros em papeis sociais diversos e não mais restritos aos estereótipos recorrentes (OLIVEIRA, 2003; 2010; SOUZA, 2005; JOVINO, 2006). Com isso, nas Áfricas enredadas na negra diáspora, no Brasil, ganham-se novos contornos, fazendo-se emergir mais reinos, princesas, riquezas, farturas e lutas. Nessas, os mitos afrobrasileiros, os arquétipos, as florestas e, também, a alusão à cor da tez, aos cabelos crespos, nomes e outras características.

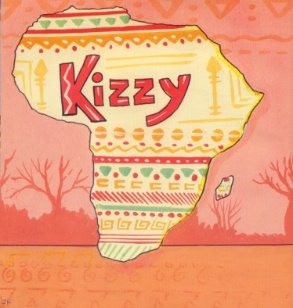
Nós, leitores, nesses contornos, viajamos aos universos de “ [...] uma princesa do reino medieval de Gana,” *Nyame* (*O espelho dourado*)[[21]](#footnote-21) que, guiada pelos ancestrais e seu amado, o destemido “guerreiro achanti mais valente de todo o oeste africano,” venceram o “os kabakas, mercenários estrangeiros”, após travarem-se árduas lutas. Para se superar e vencer os mercenários, a ‘pele negra’ do guerreiro reluzia, e todos os perigos lançados em sua direção batiam e voltavam. Nada o atingia.

Guiado pelos ancestrais, “Determinado em seus propósitos, apesar dos receios, o guerreiro deixou-se guiar pelos ensinamentos de seu ‘povo’ e pelas batidas do coração de sua amada” (LIMA, 2003), não fica inerte à espera de ser salva, ao contrário, a protagonista rasura as perspectivas dos contos de fadas. Ela age, se comunica, se arrisca e favorece a vitória na luta contra os mercenários. Ou seja, as Áfricas enredadas e ilustradas nessa narrativa, possibilita aos leitores outras viagens e contornos. É o que ocorre em *O espelho dourado,* de Heloísa Pires Lima (2003), por exemplo.

Outra África, que não aquela estigmatizada, é ilustrada nas páginas do livro *Entremeio sem babado* e expressa nas palavras da protagonista Kizzy, ao buscar compreender a origem de seu nome. Nesse processo de identificação, a aceitação, pois Kizzy:

Descobriu que seu nome tinha um significado bonito, “aquela que fica, que não vai embora”. E também que esse nome era de origem africana, mesma origem de toda a sua família (SANTANA, 2007, p. 28 e 29).

Figura 5 – Ilustração sobre Kizzy, da obra ‘Entremeio sem babado’



Fonte: foto da autora

Enfim, África e diáspora, tênues fios ressignificados nas obras em foco, envolvendo a literatura do Brasil e de Moçambique. No entanto, uma questão crucial: até onde é possível identificar correlações? No Brasil, mesmo nos dias atuais, se reconhece a ‘proliferação’da literatura infantojuvenil, embora protagonistas negros sejam escassos, se comparados aos brancos (NASCIMENTO, 2019). Em Moçambique, por outro lado, escassa no mercado editorial é a produção literária destinada às crianças e aos jovens, e, nas poucas existentes, os personagens negros aparecem, em geral, nas ilustrações.

DAS LINHAGENS D’ÁFRICAS ÀS LINGUAGENS DIÁSPORAS [[22]](#footnote-22)

A literatura é uma arte que pode ajudar a despertar a criança e a jovem que um dia fomos. Constituem-se, assim, como travessia, não só a outras dimensões sociais como, também, as existenciais. Assim sendo, abre trilhas para que possamos fabular, recriar belezas, riquezas e redimensionar realidades através dos seres nela delineados, na voz da(o) narradora (o), quando encadeia as *ações*, sensações, os ‘conflitos’*,* enfim, os *‘*objetos de desejos’ e/ou ‘temor’ dos seres ficcionais (OLIVEIRA, 2010).

Também, por via do ‘eu’ lírico, implicado no jogo de imagens, nas metáforas, entre outros recursos, são utilizados pelo poeta, ao enredar tramas e a arte poética. Nessas duas modalidades literárias (gêneros literários: a ficção e a poesia), o leitor encontra possibilidades de percorrer sua ‘casa interna’, vivenciar dilemas existenciais, sociais, e refazer o caminhar, conforme afirma o escritor Jonas Ribeiro (1999), ao aludir-se ao universo das histórias:

A literatura infantojuvenil contemporânea de ambos os países que traz à cena o segmento negro, seja na diáspora, seja na África, não expressa um “eu” que reivindica a *negritude* outrora vilipendiada pelo racismo. Os *conflitos* dos protagonistas são de outra ordem, assim como os *objetos de desejo.* Mas nem por isso deixam de corroborar para a afirmação identitária negra, a qual não é colocada como um problema a ser superado pelos seres ficcionais (OLIVEIRA, 2021, no prelo).

Na literatura contemporânea, até então pautada, os personagens não vivenciam crises existenciais por terem fenótipos negros, tampouco se aproximam da apologia à mestiçagem. Ao contrário, observamos a admiraçãodos traços que remetem à ‘raiz’ africana, com vistas a valorizar o legado ancestral. Isso nas obras editadas no Brasil, sobretudo.

De tais obras, resultam atos heroicos nas fabulações que nos remetem ao passado imperioso de um povo que não se deixou vencer, ou o presente de quem persiste sem sucumbir. Entre esses, estão também os Orixás divinizados, em aventuras e desventuras nas teias da vida: a beleza, a riqueza, o poder de conquista, as lutas, fracassos e também, a força em tempos imemoriais (*Ogum o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás)*.

*Ogum: o rei de muitas faces* *e outras histórias de Orixás*, de Chaib e Rodrigues (2000) também traz à cena espaços sociais africanos e suas cosmogonias. Nesses espaços, estão os Orixás, a nação Keto, enredando-se no universo de reis e rainhas que atravessaram a fronteira da diáspora. Memória feita de lutas, amor, desavenças, acolhidas e coragem diante dos desafios. Trata-se dos mitos afrobrasileiros e seus arquétipos (OLIVEIRA, 2014). De tais tramas emerge o Oió: “um grande reino, situado ‘na África’, onde existia fartura de água, de alimentos e todos viviam alegres” (conto: *Oxalá, Xangô e Exu,* p. 26-29).

Em *Entremeio sem babado,* incluem-se personagens brancos na celebração familiar da avó de Kizzy (SANTANA, 2007, p. 27). É possível asseverar que tais obras expressam o cotidiano brasileiro e africano, principalmente, a exemplo de Moçambique. Diante disso, reiteramos uma consideração de Evaristo (2007, p. 6) que, referindo-se à importância dos textos dos afro-brasileiros, salienta: “[...] um olhar valorativo sobre a cultura e o corpo negro imprimem aos textos [...] um discurso específico que fratura o sistema literário nacional em conjunto.”

A ‘fratura’ consiste na inserção de temas, ideias e subjetividades preteridas da chamada literatura canônica e/ou impressa em seu *corpus* textual tendenciosamente desqualificada ou omitida, de modo a primar e hierarquizar a tendência marcadamente eurocêntrica em detrimento das demais, a exemplo da ascendência africana.[[23]](#footnote-23) Essa é a tônica das nossas produções, desde a era colonial. Para melhor identificar a ‘fratura’, faz-se necessário enfocar algumas constatações de Antonio Candido (2002), ao abordar o papel da literatura na sociedade, atentando-se para a influência do viés eurocêntrico. E, para ficcionalizar suas raízes, voltaram-se ao “passado remoto para reinventar África e tradições”(EVARISTO, 2007, p. 19),[[24]](#footnote-24) além de recriar o presente, valorizando o passado como raízes ancestrais.

As obras em questão não trazem à tona problemas concernentes às relações etnicorraciais, a exemplo do racismo, da rejeição pelos fenótipos negros e/ou da assunção da ‘negritude’ e*,* nem por isso, deixam a desejar no tocante à ressignificação da história e cultura africana e afrobrasileira, afinal, delineiam seres ficcionais não mais pautados em perspectivas eurocêntricas. Com isso, corroboram e ampliam o leque de temáticas impressas no *corpus* literário, possibilitando que os leitores não só se projetem aos espaços sociais pouco abordados - tanto em Moçambique quanto no Brasil, por exemplo - como, também, sugerem modos de ser e viver distintos. São histórias que exprimem os dilemas de crianças e jovens brasileiros ou africanos, imersas em espaços sociais comandados pelo mundo adulto.

Observamos que os personagens das obras editadas no Brasil e em Moçambique são ilustrados com a cor da tez negra e cabelos crespos, sem serem reduzidos às caricaturas. Há tematizações, ‘ações e espaços sociais’diversificados, contendo protagonistas, sobretudo, altivos que expressam, compartilham aflições, desejos, por meio da própria voz ou através do narrador. São, assim, humanizados, e não excluídos das condições básicas para viver em sociedade e/ou no ambiente familiar.

Como seres humanizados, já que ‘sujeitos de ações’*,* são fundamentais para o desenrolar da trama. Um dos traços marcantes disso é a afetividade nas relações familiares. Vale ressaltar que o modelo de família não se restringe ao padrão patriarcal. Então, nas histórias, nem sempre o pai se faz presente e isso não implica na reconfiguração da orfandade. Ao que parece é o papel da mãe que se procura destacar, sem prejuízo à figura do pai, necessariamente.

Em *O menino Octávio,* a mãe é a única companhia do personagem, pois o pai e demais familiares foram mortos devido a guerra. Trata-se, no caso, da obra que traz à cena a questão da orfandade. Não há, mesmo assim, a associação: orfandade/marginalidade, conforme recorrente nas obras brasileiras, principalmente nos anos de 1980 (OLIVEIRA, 2003).

CONSIDERAÇÕES PONTUAIS: Ah-Final

Da viagem empreendida até, novas travessias por surgir. Dessas indagações pontuais, fomenta-se em novos diálogos um porvir. A partir dessas ideias aqui ‘entre-laçadas’, destinados às crianças e aos jovens das terras diásporas (África-Brasil), novos saberes tecem conhecimentos enquanto obras literárias ainda seguem preteridas em nossas instituições acadêmicas.

Antenados com tudo isso, algumas estudiosas reconhecem a mudança no mercado editorial, incluindo temas anteriormente preteridos e, também, incentivando a inserção de mais personagens negros no espaço literário, destacando-se, por exemplo: os penteados afros, as religiosidades de matrizes africanas, os espaços sociais africanos, as lideranças negras e as situações de discriminação racial. Em meio à saga de novas publicações, faz-se necessário ampliar o olhar da dúvida perante o que está sendo lançado, ao aguçarmos mais o senso crítico nas (re)leitura de livros do cânone literário, mas também na indicação de novos títulos em sala de aula. E para não reforçarmos o risco do que se tenta evitar, ao longo da história da literatura, os recorrentes estereótipos negativos cristalizados sobre a cultura afrobrasileira e africana delineada por meio dos seres ficcionais no campo da literatura e nas demais áreas do conhecimento humano, resta-nos analisar atentamente, na ordem do discurso narrado, de onde se está falando e em que tempo histórico.

Priorizar a criança como personagem principal em uma produção literária é possibilitar aos destinatários e a nós adultos, a vivência dos dilemas e desejos de tais seres ficcionais, por meio da arte de tecer a trama e trazer à tona um mundo distante da nossa realidade, posto que, ao ultrapassarmos aquela fase inicial da vida, estamos envoltos a outras cosmovisões e saberes. É certo que podemos vivenciar, no universo da ficção, subjetividades postergadas, desconhecidas, silenciadas e, por isso, dignas de nossa imersão e estudos.

Os protagonistas negros, nas obras publicadas no Brasil e em Moçambique são humanizados e envoltos aos laços familiares afetivos. As relações, salientamos, não são idealizadas, preterindo-se a ideia de filhos passivos e obedientes às determinações do adulto. Se uns não questionam as tradições e/ou os pais, outros driblam e nem sempre cumprem o que lhes foi designado.

A viagem às Áfricas, através de obras pautadas, também é campo de estudos de Eliane Debus (2019),[[25]](#footnote-25) que se detém sobre produções mais recentes no país. Em um texto na área em questão, focalizando-se a obra do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes, Debus (*op. cit.*) identifica diálogos com a tradição e, em outras palavras, a ressignificação das Áfricas na tessitura literária contemporânea. Caberiam, portanto, aprendizagens nessa seara, com vistas a reaproximar as Áfricas e a sua diáspora.

À direção daquelas levezas que delineiam Itálo Calvino e reverbera Carmen Lúcia Tindó Secco Ribeiro (2007, p. 7), as literaturas africanas, em seus estudos, abriram caminhos para outros percursos nos estudos literários. Contudo, cabe ressaltar, jamais imaginaríamos que o medo suplantaria a esperança nesse ‘novo milênio’, o que antecipou a citada pesquisadora anos atrás, em um olhar quase visionário. Afinal, este milênio que já não é tão novo, infelizmente, tem sido marcado por extremismos e adoecimento emocional e físico de grande parcela da população mais pobre, além de impactar a população com tensões adversas e um vírus que assola as ambiências mais pobres no país.

Contudo, pensando com Amilcar Cabral (1976, p. 19) que, em contextos outras décadas atrás, diante das lutas pela reconstituição de uma sociedade mais justa, orientava e instigava aos camaradas a não se deixarem abater diante das adversidades. Logo, afirmou “[...] em todas as lutas, não há só vitórias. Se houver só vitórias, não há luta nenhuma.” Lado de cá nós, filhas e filhos das Áfricas, em combate nos encontramos desgovernadas por um sistema perverso, opressor e neofascista e no enfrentamento de um vírus letal, a exemplo do Sars Cov-2, que causa a doença letal Covid-19 e suas variantes transmissíveis.

Ao contrário das histórias aqui enfocadas, os personagens nos levam aos universos de sonhos, lutas e conquistas. Através das narrativas, as Áfricas e a sua diáspora podem se reencontrar e nós, leitores, independente da faixa etária, temos a oportunidade de viajar e voltar aos capítulos de outras lutas. Nessas, os embates são contra o sistema opressor e seus séquitos aterrorizantes. Lado de cá (e de lá?) crianças, jovens adultos e idosos esmaecem de maneira vil e desumanizada. Infelizmente, é o Brasil que aí está e que o mundo repudia. Também nós.

Diferente das histórias em questão, aqui não há início alegre, não existe final feliz, o que persiste é a luta sem fim entre dificuldades e desespero. O que re-existe é a poesia do presente em direção ao futuro, como diz uma canção de Chico César e Bráulio Bessa,[[26]](#footnote-26) ao dar nome aos números: “Se números frios não tocam a gente espero que nomes consigam tocar.” Nessas palavras, pousamos as nossas em direção de todos os nomes anônimos que muito importam: *Ogum iê! Kabiessilê!*

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, Fany Literatura infantil: gostosuras e bobices. *In*: ABRAMOVICH, Fanny. *Pensamento e ação no magistério*: Fundamentos para o magistério Volume 7 de Série: São Paulo: Scipione,1990.

ATANÁSIO, Calisto; NEVES, Angelina e CIRÍACO, H (adaptação). *O menino Octávio.* Moçambique: Ndjira, 2003.

BEZERRA, Rosilda Alves e NEGREIROS, Carlos Alberto de. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: as leis 10.639/03 e 11.645/2008 e suas representatividades identitárias na educação básica. *In*. OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus e SANTIAGO, Ana Rita (Oog*.). Literaturas afro-brasileiras e africanas: produção, ensino e possibilidades.* São Paulo: Mercado de Letras, 2021 (prelo).

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.* Brasília: Ministério da Educação. SECAD/SEPPIR/INEP, 2004.

BRASIL. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.* Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Subsecretaria de políticas de Ações afirmativas. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional.* Lei 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Lei Federal 10.639/03. Brasília: MEC, 2003.

BROOKSHAW, David. ***Raça & cor na literatura brasileira***. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CABRAL Amilcar. Mestres Do Mundo. [Trabalho final do Seminário Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva] *Amílcar Cabral*: o que foi e o que dele faremos. 1976.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In. CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002, p.77-120.

# CARVALHO, Ruy Duarte de. *Atlântico Negro: na rota dos Orixás.* Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. 2020.

COELLO, Rebeca Carballo. *Literatura infantil angolana e construção nacional no século XXI.* Universidade de Santiago de Compostela. Facultade de Filoloxia, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria , analise , didatica. São Paulo: Atica. 1993.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEBUS, Eliane. Entrevista com Pedro Pereira Lopes*.* *In: Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, Volume 10, Número 18, p.185-189, jan.-jun. 2018.

DEBUS, Eliane. Para além de três continentes: a literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. *In*. *Revista Cátedra Digital. |Vol.4| Tema: Lusofonia na Literatura Infantil e Juvenil***,** 2019.

# DURBAN, A Conferência de Durban contra o Racismo e a responsabilidade de todos. [*Revista Brasileira de Política Internacional*](https://www.researchgate.net/journal/Revista-Brasileira-de-Politica-Internacional-0034-7329) 45(2): p.198-223 December 2002.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra.* Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

GRAÇA, Machado. *Os gêmeos e os raptores de crianças*. Moçambique, Promédia/Associação Progresso, 2006.

HALL S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil, in. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura afro-brasileira.*Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p.179-217.

KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil*: um gênero polêmico. São Paulo: Mercado Aberto, 1990.

LIMA, Heloisa P*. O espelho dourado.* São Paulo: Peirópolis, 2003.

LIMA, Maria Nazaré Mota de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos e relações étnico-raciais: perspectivas de descolonização na formação de professoras. *In*: PEREIRA, Áurea da Silva; CRUZ, Maria de Fátima Berenice da; PAES, Maria Neuma Mascarenhas (Org). *Letramentos, identidades e formação de educadores:* imagens teórico-metodológicas de pesquisa sobre práticas de letramentos. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p.27-44.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

NASCIMENTO, Daniela G. *O Terceiro Espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03.* Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-orientais (Tese de Doutorado), 2019.

NEVES; Angelina Neves; CIRÍACO, Hermenegildo. *Literatura Infanto-juvenil brasileira e moçambicanacontemporânea: problemas e perspectivas.* Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), 2003.

OLIVEIRA, M. Anória de J. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989.* 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

OLIVEIRA, M. Anória de Jesus. *Áfricas e diásporas na Literatura Infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique*. Salvador: EDUNEB, 2014.

OLIVEIRA, M. Anória de Jesus. *Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007)*: *entrelaçadas vozes tecendo negritudes.* João Pessoa: [s.n.], Tese de Doutorado, 2010.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Arquivos literários infantis/juvenis afro-brasileiros, africanos (angolanos e moçambicanos) e afirmação identitária negra. *Relatório de pós-doutorado em Literatura*. UFMG, 2015, mimeo.

PADILHA, Tânia Mara de Almeida. *Entre o semear e a próxima colheita*: uma análise dos escritos de Lenin sobre a questão agrário-camponesa [Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais]. Marília: UNESP, 2009.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus e BRITO, Maria Conceição Evaristo. *A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagem negros. In*. Cadernos PENESB – Periódicos do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF, n.7, nov/2006, Rio de Janeiro/Niterói, Quartet/EdUFF, 2006. pp.141-170.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1984.

REIS, Vilma. Das alianças entre Malungos, de Gorée a Salvador, resistimos, em: LIMA, Maria Nazare Mota de. (Org). *Escola plural, a diversidade está na sala de aula*: formação de professoras em história e cultura afro-brasileira e africana. São Paulo: Cortez, 2005 (p. 1005-1118).

RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos dourados*: arte de ouvir histórias para depois contá-las. São Paulo: Ave Maria, 1999.

RIBEIRO, Carmen Lúcia Tindó Secco. A alquimia do verbo e a reinvenção do sagrado. *In*: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. *Boaventura Cardoso*: a escrita em processo. São Paulo: Alameda, 2005.

ROSEMBERG, Fulvia; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. *In*. DIJK, T. A. Van (Org.). ***Racismo e discurso na América Latina***. São Paulo: Contexto, 2008, p. 73-117.

SANTANA, Patrícia. *Entremeio sem babado*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

SANTOS, Artur Carlos Mauricio Pestana dos. *As aventurasde Ngunga* *Pepetela.*:  a luta pela a  Frente Leste, v.3.,1973.

SANTOS. Antônio Cândido Souza. *Literatura e Sociedade* 9.ed. revista pelo autor. Ouro Rio de Janeiro sobre Azul 2006

SANTOS, Boaventura. *A universidade no século XXI:* para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Carmen Lúcia Tindó Secco. A alquimia do verbo e a reinvenção do sagrado. *In*: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. Boaventura Cardoso. *A escrita em processo*. São Paulo: Alameda, 2007.

SCHMIDT, Aline Van Der. *Entre leões, coelhos, tranças e guerras*: dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki.: [Dissertação de Mestrado]. 181 f. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2013.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira. *In*. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03***.** Brasília, MEC/SECAD, 2005, pp.105-120.

SOUSA, Andréia Lisboa de. Personagens Negros na Literatura Infantil e Juvenil. *In*: CAVALLEIRO (Org.). *Racismo e antirracismo na educação*: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VENÂNCIO Ana Carolina Lopes. *Literatura infanto-juvenil e diversidade*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. Oxalá, Xangô e Exu. *In Lendas Africanas dos Orixás*. p. 26-29.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. [*Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática](https://books.google.com.br/books/about/Literatura_infantil.html?id=6scuAAAAYAAJ) 1982.

1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V1OqdhQItrI> [↑](#footnote-ref-1)
2. Veja-se o texto “Das alianças entre Malungos, de Gorée a Salvador, resistimos”, da socióloga Vima Reis (2005, p. 1005 a 118) [↑](#footnote-ref-2)
3. A quem dedicamos esse texto, uma publicação que contaria com a sua parceria para no processo de (re) estruturação e expansão das nossas reflexões. Mas, infelizmente, a Estrela partiu para o Orum, ao ter os frágeis fios da vida abreviados pelo Covid-19. Uma perda inexprimível para todas (os) nós que tivemos a alegria de, em sua sensível, delicada e competente companhia, aprender e partilhar conhecimentos, emoção e muitas alegrias. De sua viagem, profundo vazio. De suas travessias, poesias inesquecíveis. Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB), nossas breves palavras jamais conseguirão exprimir sua arte de viver, amar e se deixar ficar. Também, à sua sobrinha, Gabriela que, poucos dias após, teve a vida abreviada e seguiu aos braços da tia-mãe, Rosilda. Essa singela homenagem se estende às demais pessoas que tiveram a vida ceifada pelas correntes asfixiantes da *necropolítica* no cenário social brasileiro e em outras partes do mundo: *Kabiessliê!*  [↑](#footnote-ref-3)
4. Espaço, aqui, é entendido sob o viés de Osman Lins (1976). [↑](#footnote-ref-4)
5. Dentre vastas publicações dentro desse recorte, das mais recentes, indicamos a leitura dos textos constantes das seguintes publicações: [v. 10, n. 19 (2018): A Lei 10.639/2003 em diálogo com as Literaturas Africanas](https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/issue/view/1168) (Revista Mulemba), disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index\_php/ mulemba/issue/archive](https://revistas.ufrj.br/index_php/%20mulemba/issue/archive)>.

   Também indicamos outra produção mais abrangente, que não se circunscreve no campo das literaturas. Contudo, apresenta importantes orientações e reflexões no campo da educação para as relações étnico-raciais, um livro da extinta SECAD: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes \_etnicoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes%20_etnicoraciais.pdf)>. [↑](#footnote-ref-5)
6. Sobre os termos aqui pautados e já muito discutidos, nos apoiamos em Boaventura Souza Santos (2010) e Achille Mbembe (2018). [↑](#footnote-ref-6)
7. Grimm (vol 4, s/d). [↑](#footnote-ref-7)
8. Entendam-se, relações entre negros e brancos, ou quem assim se reconhecer, conforme explica Nilma Lino Gomes (2005) [↑](#footnote-ref-8)
9. Alberto da Barca é um dos fundadores da Literatura Infantil moçambicana, dos anos de 1980. A epígrafe consiste de sua fala durante um evento, realizado na Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), dia 07/08/2009, intitulado: *Literatura Infanto-juvenil brasileira e moçambicana contemporânea: problemas e perspectivas*, Nesse evento, versaram sobre a sua produção os seguintes escritores: Angelina Neves, Rogério Manjate, Mário Lemos e o referido escritor, Alberto da Barca. [↑](#footnote-ref-9)
10. Referimo-nos ao encantado mundo em que a fantasia e a realidade se fundem dinamicamente (TODOROV, 1992). [↑](#footnote-ref-10)
11. Essa é uma herança dos contos tradicionais, das lendas que permeiam os textos contemporâneos. Alguns destes são de autoria de Angelina Neves, Alberto da Barca e Rogério Manjate. [↑](#footnote-ref-11)
12. Oliveira (2016). Em *Ngunga*, de Pepetela (1973), uma das obras pioneiras angolanas, esse é o contexto social do protagonista. [↑](#footnote-ref-12)
13. Veja-se, Vladimir Propp (1984). As categorias analíticas desse teórico russo se encontram mais aprofundadas em *Áfricas e diásporas na Literatura Infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique* (OLIVEIRA, 2014). [↑](#footnote-ref-13)
14. Oliveira (2010). [↑](#footnote-ref-14)
15. “ENTREVISTA COM PEDRO PEREIRA LOPES”, por Eliane Debus (2018, p. 188) em: Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ| Volume 10 | Número 18 | p.185-189 | jan.-jun. 2018 (p. 188), disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/issue/download/1026/721> (acesso em 5 de janeiro, de 2021) [↑](#footnote-ref-15)
16. Um dos importantes investidores nessa área que, infelizmente, já não está nesse plano existencial. Sobre as obras do autor, vejam-se: Oliveira (2010). [↑](#footnote-ref-16)
17. Ou seja, traços característicos, pensados a partir da releitura de Vladimir Propp (1984), conforme desenvolvemos e aprofundamos em estudos precedentes (OLIVEIRA, 2015). [↑](#footnote-ref-17)
18. Fonte: <http://www.ine.gov.mz/censos_dir/recenseamento_geral/estudos_analise/nacionalidades> [↑](#footnote-ref-18)
19. De estudos precedentes, dentre as variadas narrativas moçambicanas que delimitamos para fins de análise foram: 1) *O menino Octávio,* de Calisto Atanásio e Neves (2003); 2) *O cachorro perdido,* de Tellé Aguiar (2003); 2) *O feio e zangado HIV: a história de um vírus,* autoria de alunos de 13 a 15 anos (2006); 3) *Os gêmeos e os raptores de crianças,* de Machado da Graça (2007); 5) *Mbila e o coelho: uma história para todas as idades,* de Rogério Manjate (2007). Veja-se: Oliveira (2010). [↑](#footnote-ref-19)
20. Texto no prelo (OLIVEIRA, 2021): um pequeno resultado da pesquisa de pós-doutorado na área (UFMG, 2015). [↑](#footnote-ref-20)
21. Da escritora Heloísa Pires Lima (2003). [↑](#footnote-ref-21)
22. Entendam-se, diáspora, no viés dos estudos Culturais (HALL, 2005). [↑](#footnote-ref-22)
23. E, obviamente, a indígena que, inclusive, teve seu apogeu na era romântica, mas sob a ótica europeia. [↑](#footnote-ref-23)
24. Evaristo (2007, p. 19). [↑](#footnote-ref-24)
25. Texto publicado na versão online na Revista Cátedra Digital, disponível no site da revista em: < https: //revista.catedra.puc-rio.br/index.php/para-alem-de-tres-continentes-literatura-para-infancia-do-escritor-mocambicano-pedro-pereira-lopes>./ (acesso em dez/2020). [↑](#footnote-ref-25)
26. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5Z0OaldEaAo [↑](#footnote-ref-26)